

Prefácio

Desafiando narrativas: a Rússia, a Grande Guerra Patriótica e as lições para o século XXI

O século XXI, ainda em suas primeiras décadas, já se encontra profundamente marcado por múltiplas crises relacionadas à deterioração de uma ordem internacional liberal tida como inconteste após o final da Guerra Fria. A consolidação de ameaças difusas e não estatais ascende em conjunto com a desconstrução da arquitetura de segurança internacional erguida no pós-Segunda Guerra Mundial, pautada no princípio da dissuasão nuclear. Em 2008, a extensão de crises econômicas devastadoras aos países do centro, oriundas da desregulação neoliberal selvagem, demonstra a insustentabilidade de um modelo econômico que há décadas já impactava brutalmente os países do Sul diante da persistência da exploração neocolonial. A crise sanitária deflagrada pela pandemia de Covid-19 e a aceleração da crise ambiental e climática igualmente apontam para a inviabilidade de seguirmos perpetuando acriticamente o padrão civilizatório apregoado pela ordem internacional liberal.

Relembrando a valiosa lição do filósofo italiano Antônio Gramsci, em tempos nos quais o velho ainda não morreu e o novo ainda não nasceu, a humanidade encontra-se sujeita a violentas turbulências. Uma forma de encarar esse cenário desafiador é buscar o novo a partir das lições até aqui aprendidas, e refletir sobre como lidamos com elas. Contudo, os contornos hegemônicos da velha ordem internacional liberal em decadência não apenas têm ditado os termos para o exercício de poder nas últimas décadas, mas também circunscrevem o nosso modo de conhecer o mundo e entender sua relação com

o passado. Quando olhamos para a trajetória da política internacional contemporânea, seus objetivos e suas práticas foram construídos a partir desses contornos, e o saber sobre eles também se fez no contexto de um campo de estudos marcado pelo olhar branco e nortista.

A obra *80 anos da vitória na Grande Guerra Patriótica: memória, reconstrução e perspectivas* cumpre o desafio de buscar o novo a partir das lições aprendidas, mas sem se deixar contornar pela tentação mecanicista de tratar as lições do passado como um resultado automático do velho que está para morrer. A abordagem crítica do livro encontra seu mérito em duas importantes frentes – pela escolha de seu objeto e pelo olhar a ele oferecido. A decisão de discorrer sobre a Segunda Guerra Mundial na perspectiva da Grande Guerra Patriótica contribui para criticamente rever as lições do passado dando voz a um personagem central da política internacional. A trajetória histórica da Rússia é fundamental para compreendermos o atual cenário de deterioração da ordem internacional liberal em meio a múltiplas crises. Um Estado de proporções continentais, diversidade cultural, riquezas naturais e extenso arsenal militar, a Rússia desafia as categorias tradicionais da política internacional no que tange ao poder e ao *status* dele derivado.

Ainda assim, inegável é sua condição secular de potência do sistema internacional, que insiste em persistir a partir da resiliência de suas ideias e de seu povo. Em sua obra *A política entre as nações* (1948), Hans Morgenthau relembra o curioso caso do diplomata estadunidense que estranha um guarda parado em posição atípica em um dos palácios de São Petersburgo. Ao questionar sua contraparte russa, ele descobre que a presença do guarda ali se deve a uma ordem dada séculos antes por Catarina, a Grande, para que um delicado exemplar da flor *Galanthus*, a primeira que nasce após o degelo, fosse preservado. Essa poética história sobre a resiliência como elemento constitutivo da índole nacional russa simboliza, também, sua persistente busca por *status* na política internacional, e é presença constante na história da atuação do Exército Vermelho na derrota do nazismo.

Não obstante, a adequada compreensão do lugar ocupado pela Rússia e pelo espaço pós-soviético no processo de múltiplas crises em que vivemos não pode ser alcançada avaliando as lições do passado apenas a partir de olhares brancos e nortistas, como o de Hans Morgenthau. É nesse ponto que

encontramos outra contribuição relevante da presente obra – a possibilidade de pensar a persistência russa e seu *status* em uma ordem internacional sob mudança a partir do olhar da Academia Brasileira, constituída aqui por um seleto grupo de pesquisadores e de pesquisadoras. Suas trajetórias apontam para lugares de fala que trazem inerentemente a demanda de apreciar, de forma crítica e com uma distância estratégica, dinâmicas de uma política internacional que sempre tendeu à dominação e à pressão para a subalternização quando pensada a partir do Sul Global.

Ao propiciar um olhar diverso para problematizar o percurso histórico da Rússia e do espaço pós-soviético, que sempre estiveram diretamente implicados na construção da ordem internacional após as grandes guerras, os textos aqui apresentados nos permitem apreciar as lições passadas em perspectivas diversas. Em seus capítulos sobre diferentes momentos da Grande Guerra Patriótica, Ricardo Quiroga Vinhas, João Claudio Platenik Pitillo e Vera Gers Dmitrov oferecem uma leitura detalhada sobre a atuação do Exército Vermelho em diferentes frentes, ilustrando o tamanho da empreitada enfrentada pela União Soviética. Os textos coautorais de Túlio César de Oliveira Bunder com Flávio Lira e de Fernando Roberto de Freitas Almeida com Pérsio Glória de Paula lidam com elementos que foram centrais para o esforço de guerra e seguem sendo pontos importantes da relação russa com a política internacional hoje – o petróleo e a resiliência estratégica, respectivamente.

Danilo Thomaz e Danielle Makio olham para o período histórico da Grande Guerra Patriótica a partir de referências que extrapolam o teatro mais imediato das batalhas. Enquanto Thomaz reflete sobre a relação do Brasil com os anos de conflito, contribuindo para pensarmos o lugar de nosso país nesse importante marco histórico, Makio problematiza a experiência estética como espaço a partir do qual produções cinematográficas estadunidenses e soviéticas moldaram a leitura global sobre o evento. Completando a pluralidade de olhares da obra, outros três capítulos lidam com os desdobramentos da Grande Guerra Patriótica. Fred Leite Siqueira Campos, Beatriz Marcondes de Azevedo, Fábio Moreira de Oliveira, Ferdi Steinbach e Pedro Henrique Dadalt de Queiroz recuperam o Discurso de Molotov, de 1955, refletindo sobre as ideias do diplomata soviético que servem como um contraponto para importantes desafios ainda hoje enfrentados nesse cenário de múltiplas crises.

Valdir da Silva Bezerra e Jonas Marcell Gomes Domingos, com seu trabalho sobre a relação entre Vladimir Putin e a Grande Guerra Patriótica, e Boris Perius Zabolotsky e Fabiano Pellin Mielniczuk, ao discutir memória e orgulho nacional na Rússia contemporânea a partir do mesmo evento, jogam luz em importantes dimensões nas quais as lições da primeira metade do século XX reverberam até hoje.

Em conclusão, *80 anos da vitória na Grande Guerra Patriótica: memória, reconstrução e perspectivas* se destaca não apenas por revisitar um evento histórico central, mas por fazê-lo de uma maneira que desafia as interpretações tradicionais e hegemônicas da política internacional. Ao dar voz a diferentes perspectivas e incorporar análises que extrapolam os limites do olhar ocidental e Norte Global, a obra oferece um espaço plural para refletir sobre a Rússia e o espaço pós-soviético, revelando complexidades que continuam a influenciar o cenário geopolítico contemporâneo. Em seus diversos capítulos, os leitores são convidados a reconsiderar as lições do passado sob novas lentes, enriquecendo o debate sobre como história e memória moldam as dinâmicas globais e continuam a ressoar nas crises multifacetadas do século XXI.

Daniela Vieira Secches¹

Coordenadora e cofundadora do
Observatório Rússia-América Latina (Ruslat)

1 Daniela Vieira Secches é doutora em Relações Internacionais (RI) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Obteve seu mestrado em Ciência Política pela Universidade Masaryk, Tchequia, e é graduada em RI pela PUC-Minas e em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Coordena o curso de graduação em RI, no qual também leciona, e é professora permanente do Programa de Pós-Graduação em RI da PUC-Minas. Membro do conselho diretivo da Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI, 2023-2025). Suas áreas de interesse incluem Estados do Leste Europeu, América Latina e discussões sobre teoria e método em RI. Seu currículo Lattes pode ser encontrado em: <http://lattes.cnpq.br/3972163625085544>